AÇÃO CRISTÃ VOVÔ ELVÍRIO
Viver para aprender, Aprender para viver.

Estrela Guia de Aruanda

Oni Ibejada!



ANO IX · SETEMBRO, 2026

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Nesta Edição

O foco desta edição de setembro é Yori, força sagrada associada à alegria, à pureza, à renovação e à sabedoria das crianças. A edição reúne textos sobre os Ibejis e os Erês, seus fundamentos, ervas, comidas ritualísticas e a força da caridade, além de marcar a estreia da série "Milagres Inexplicáveis", com o texto "O Sol Dançante", além de destacar homenagens e atividades dedicadas a esses Orixás no calendário da casa. Ao celebrar Yori, reafirmamos a importância da leveza, da esperança, da fraternidade e da fé na vida do terreiro.

Sumário

- **Fio de Contas e Memórias** **03**
- **Yori e o Poder das Crianças na Umbanda** **05**
- **O Santo Que Escolheu a Simplicidade Como Caminho** **07**
- **A Comida Como Expressão de Pureza e Partilha** **09**
- **Delfos e a Vista da Alma** **11**
- **O Sol Dançante** **13**
- **Ciranda do Encantamento** **15**
- **Força dos Erês nas Ervas Sagradas da Umbanda** **17**
- **Umbanda Tem Fundamento** **19**

Expediente

Curadoria Doutrinária:
- Pai Pedro Lettieri

Editor Chefe:
- Lucius Lettieri

Editores:
- João Gabriel Deuschle
- Mariana Eleuterio
- Patricia Cysne
- Sabrina Soliane

Diagramação:
- Mariana Eleuterio

Séries:

- **Editorial**
- **Tema**
- **Sabores do Axé**
- **Milagres Inexplicáveis**
- **Ôh Curimbeiro**
- **Salve As Folhas**
- **Umbanda Tem Fundamento**

Atividades do ACVE

Giras:

Valparaíso - Sáb - 14h30

Palmelo - Sex (alternadas) - 19h30

Cristalina - Sex (alternadas) - 19h30

Desenvolvimento:
Valparaíso - Qua - 19h

Palestra e Passe:
Cristalina - Qui - 19h30

Estudos:
Online - Ter - 20h

acve.acve

acve.com.br

Editorial

Fio de Contas e Memórias

Grupo de Estudos do ACVE

Como se forma um médium? A resposta revela uma das maiores riquezas da Umbanda: o Terreiro é uma escola, talvez a primeira delas.

Antes de existir uma literatura umbandista, os ensinamentos eram transmitidos pela tradição oral. Os fundamentos passavam de sacerdote para médium, de mais velho para mais novo. Aprendia-se exclusivamente observando uma gira, preparando o Congá, participando da feitura de uma firmeza, ouvindo atentamente uma orientação, percebendo o comportamento dos mais experientes e refletindo sobre cada experiência vivida. Essa forma de transmissão do conhecimento preservou o saber ancestral por gerações e continua sendo uma de suas maiores fontes de conhecimento na Umbanda.



A tradição oral, contudo, não esgota a formação do médium. O desenvolvimento também pode ser enriquecido com o estudo sistemático e orientado, mediante a leitura de bons livros e a participação em bons cursos, o que amplia a capacidade de compreender o que se vivencia no Terreiro. O estudo sistematizado e orientado organiza o pensamento, fortalece o discernimento e protege o médium contra interpretações precipitadas, superstições e vaidades.

O desenvolvimento mediúnico nasce da integração entre a tradição oral e o estudo orientado, aliados à experiência ritualística daquilo que foi ensinado e ao aprimoramento interior do médium. Esses quatro pilares sustentam uma mediunidade equilibrada e comprometida com o aprender e com o servir.



A tradição oral preserva a memória, a identidade e os saberes ancestrais da religião, transmitidos pela convivência com os mais velhos, pelos ensinamentos do dirigente e pela vivência comunitária. O estudo sistemático e orientado oferece compreensão, linguagem e discernimento, organizando os conhecimentos e fortalecendo a capacidade de interpretar os fenômenos espirituais com responsabilidade. A experiência ritualística transforma esse conhecimento em realidade vivida, permitindo que o médium aprenda pela prática e pela experimentação.

Por fim, o aprimoramento interior dá sentido a todo esse processo, pois é por meio do aperfeiçoamento moral, do autoconhecimento e da reforma íntima que o conhecimento deixa de ser apenas informação e se converte em sabedoria.

Yori e o Poder das Crianças na Umbanda

Médium Tamires Oliveira





Yori é o nome sagrado que representa uma das Sete Linhas cultuadas em nossa casa, a Linha das Crianças, ou dos Erês. É traduzida como a força e a vibração dos espíritos puros, da alegria, da verdade e da inocência. No Brasil, foi muito associada aos santos católicos Cosme e Damião, em alguns casos ligados a um terceiro irmão, chamado Doúm, nome que se dá ao filho nascido após gêmeos. É simbolizada por duas entidades distintas e sua função básica é indicar a contradição, os opostos que coexistem. Num plano mais terreno, por ser criança, a ela é associado tudo o que se inicia: a nascente de um rio, o germinar das plantas, o nascimento de um ser humano.





Os representantes espirituais dessa linha são os Erês, entidades altamente sábias e experientes, que desencarnaram quando crianças em outras existências ou que escolheram utilizar esta roupagem infantil em seu trabalho espiritual. Eles externam, por meio dos seus cavalos, maneiras e vozes infantis de modo sereno. Gostam de sentar-se no chão e comer coisas doces. Possuem energia de pureza que simboliza a potência dos espíritos puros e infantis. Há, nessa roupagem infantil que se apresenta aos olhos, uma espécie de paradoxo: por trás da aparência ingênua manifestam-se espíritos de grande sabedoria e força espiritual.



Atuam quebrando energias densas pela leveza, limpando o campo mental e trazendo renovação de esperança. Manifestam-se com a descontração, franqueza e bom humor típicos das crianças, mas com profunda sabedoria espiritual. Realizam curas emocionais, desmancham demandas pesadas e renovam as forças dos médiuns e consulentes por meio de brincadeiras, cantigas e doces. São capazes de limpar miasmas e obsessores que os mentores encontram resistência para acessar.



Eles tratam traumas e resgatam a alegria de viver ao fazer o consulente se conectar com a própria inocência e verdade interior. Atuam como mensageiros velozes entre o plano material e as vibrações mais altas dos Orixás. Ao final, a pureza não é o único fundamento de sua força, mas pode ser justamente aquilo que lhe confere maior intensidade. E onde existe amor genuíno e pureza absoluta, nenhum mal pode chegar.

Referências

BRASIL ESCOLA. Éres. Brasil Escola, [s.d.]. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/religiao/ere.htm

ANCESTRALIDADES. Ibeijis. Ancestralidades: termos e conceitos, [s.d.]. Disponível em: https://www.ancestralidades.org.br/termos-e-conceitos/ibeijis

DIÁRIO DE UMBANDA. Ibeji. Diário de Umbanda: os orixás, [s.d.]. Disponível em: https://www.diariodeumbanda.com.br/os-orixas/ibeiji

UMBANDA DO BRASIL. Yori. Umbanda do Brasil, 2026. Disponível em: https://umbandadobrasil.com.br/yori2



O Santo Que Escolheu a Simplicidade Como Caminho

Médium Camila Vidal

A vida de Francisco de Assis é uma das narrativas espirituais mais luminosas da história humana. Nascido em Assis, na Itália, no final do século XII, filho de um rico comerciante, Francisco viveu a juventude cercado de conforto, sonhos de glória e reconhecimento social. No entanto, uma profunda crise existencial — marcada por doenças, guerras e experiências místicas — conduziu-o a uma ruptura radical com o mundo que conhecia. Ao renunciar à herança paterna, escolheu a pobreza voluntária não como negação da vida, mas como ato consciente de liberdade espiritual.



Francisco compreendeu que a verdadeira riqueza não estava na posse, mas na relação viva com todas as criaturas. Chamava o sol de irmão, a lua de irmã, a terra de mãe. Seu olhar espiritual enxergava o sagrado em tudo o que respira, cresce e se move. Essa visão não era ingênua: era profundamente ética. Ao cuidar dos pobres, dos doentes e dos excluídos, Francisco ensinava que a espiritualidade verdadeira não se sustenta em palavras, mas em gestos. Sua fé se expressava no corpo, no trabalho, na convivência e no cuidado com o outro.



No campo espiritual, Francisco foi um reformador silencioso. Sem confrontos diretos, transformou pela coerência. Fundou a Ordem dos Frades Menores, baseada na fraternidade, na humildade e no serviço, influenciando profundamente a espiritualidade cristã. Sua vida revela que o caminho da luz não exige poder, mas alinhamento; não pede superioridade, mas presença. Francisco não buscava converter pela força — ele atraía pela vibração.

A trajetória de Francisco de Assis ecoa como ensinamento universal: a espiritualidade que cura é aquela que simplifica, reconcilia e humaniza. Em tempos de excessos, sua vida recorda que caminhar com pouco pode significar caminhar com tudo. Francisco nos ensina que a paz não é ausência de conflito, mas a escolha diária de viver em harmonia com a consciência, com a natureza e com o sagrado que habita todas as formas de vida.

Ao recordar a vida de Francisco de Assis, somos convidados a silenciar o excesso e a ouvir o essencial. Sua trajetória nos lembra que a verdadeira espiritualidade não se afirma pela disputa, mas pela coerência entre o que se crê e o que se vive. Que seu exemplo inspire cada leitor a reconhecer que a luz se sustenta no simples — e que servir, amar e respeitar toda forma de vida é, ainda hoje, um caminho seguro de elevação espiritual.

Referências:
TOMÁS DE CELANO. Primeira Vida de São Francisco de Assis. Tradução e comentários de fontes franciscanas. Petrópolis: Vozes, diversas edições.
BONAVENTURA. Legenda Maior: Vida de São Francisco. Petrópolis: Vozes, 2002.
LE GOFF, Jacques. São Francisco de Assis. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Sabores do Axé

A comida como expressão de pureza, alegria e partilha.

Médium Mariana Eleuterio

Nas giras de Ibejada, a comida ocupa um lugar de destaque. Doces, frutas, bolos, bebidas e outras guloseimas não são apenas agrados oferecidos às Crianças: carregam símbolos e fundamentos relacionados à forma como Yori se manifesta na Umbanda, trazendo alegria, espontaneidade, pureza e leveza.

Entre os alimentos oferecidos, os doces brancos, como **suspiro**, **cocada**, **manjar** e **maria-mole**, possuem especial importância. O branco está associado à pureza e à inocência das Crianças, enquanto a doçura representa a capacidade de suavizar, harmonizar e trazer leveza. As frutas, com suas cores, sabores e relação com os ciclos da natureza, acrescentam símbolos de vida, fertilidade, abundância e renovação.



Embora os doces sejam os primeiros alimentos que associamos às Crianças, a culinária dos Ibejis também possui preparos salgados ligados à ancestralidade. Um deles é o **Caruru de 7 Meninos**, tradicionalmente preparado em setembro, período em que muitas casas celebram os Ibejis. À base de quiabo, o prato expressa fartura e prosperidade, além de reunir a comunidade em torno do alimento. O número sete está relacionado às sete crianças que participam simbolicamente da partilha.

Em muitas casas de Candomblé, esse momento também promove uma inversão simbólica da hierarquia: se tradicionalmente os mais velhos são servidos primeiro, nas celebrações dos Ibejis as crianças ocupam esse lugar.



Não se trata da negação da hierarquia, mas de sua suspensão simbólica para que os mais novos sejam honrados e cuidados.

A própria preparação do caruru pode envolver as crianças, aproximando-as do conhecimento e da responsabilidade que acompanham a comida ritual. Em algumas tradições, coloca-se um quiabo inteiro no meio do preparo, e quem o encontra fica responsável por preparar o caruru festivo do ano seguinte. O que poderia parecer uma brincadeira torna-se, assim, uma forma simbólica de transmitir a tradição entre gerações.

Os alimentos também podem ser trabalhados pelas próprias entidades. Ao escolher, comer, distribuir, benzer ou orientar o uso de determinado alimento, a Ibejada pode utilizá-lo como instrumento de seu trabalho espiritual, conforme os fundamentos de cada casa. A doçura pode ser relacionada a trabalhos de harmonização e leveza; frutas e outros elementos podem assumir diferentes funções de acordo com a entidade, a finalidade do trabalho e os fundamentos da casa. Assim, aquilo que é oferecido às Crianças também pode retornar à comunidade como parte de sua atuação espiritual.

Os saquinhos de doces, por exemplo, ultrapassam a ideia de uma simples lembrança. Ao serem entregues pelas entidades, podem carregar bênçãos, gestos de afeto e a intenção do trabalho realizado, fazendo com que a comida oferecida circule entre o sagrado e a comunidade.

Dessa forma, a comida de Yori e das Ibejadas reúne pureza, alegria, fartura, ancestralidade e partilha. Seja na delicadeza de um doce branco ou na força coletiva de um Caruru de 7 Meninos, cada alimento participa de uma linguagem ritual que aproxima as Crianças da comunidade e transforma o ato de alimentar em uma expressão de cuidado, devoção e axé.

Referências:

COMIDA DE CRIANÇA: doces (e) ibejadas da umbanda. Religião & Sociedade, v. 42, n. 2, maio/ago. 2022. Disponível em: SciELO. Acesso em: 17 ago. 2026.

27 de setembro é dia de saudar os ibejis: aprenda a fazer o caruru. Mundo Negro. Disponível em: Mundo Negro. Acesso em: 17 ago. 2026.

Delfos e a Vista da Alma

Médium Andrei Deuschle

Nas encostas do monte Parnaso, na antiga Fócida, Delfos tornou-se um dos mais importantes centros religiosos do mundo grego. Ali se encontravam o santuário pan-helênico de Apolo e o Omphalos, a pedra que simbolizava o "umbigo do mundo". Segundo a UNESCO, o desenvolvimento do santuário e do oráculo começou no século VIII a.C., e sua influência se ampliou a partir do século VI a.C. Peregrinos procuravam a Pítia, sacerdotisa de Apolo, em busca de respostas para orientar escolhas e crises. Delfos não foi apenas um lugar de previsão do futuro, mas uma instituição religiosa onde a busca por direção se realizava diante do sagrado. O oráculo expressava uma necessidade humana permanente: ultrapassar a aparência dos acontecimentos e encontrar sentido para caminhos ainda encobertos.

Nas paredes do templo de Apolo estavam registradas máximas atribuídas aos sábios gregos, entre elas "Conhece-te a ti mesmo" e "Nada em excesso". Essas advertências deslocam o valor espiritual do oráculo: antes de desejar conhecer o amanhã, o consulente é chamado a conhecer os próprios limites, intenções e responsabilidades. Essa perspectiva encontra relação com o conceito de reforma íntima presente no Espiritismo, que também propõe o autoconhecimento e o aperfeiçoamento do indivíduo como caminhos para sua transformação.

Plutarco, ligado ao sacerdócio de Delfos, mostra, ao analisar o declínio dos oráculos, que a própria Antiguidade discutia diferentes explicações para a profecia, envolvendo a ação divina, os daimones — seres intermediários na linguagem religiosa grega —, as condições naturais e a disposição da alma profética. Não havia, portanto, uma única teoria antiga que explicasse, sob o enfoque material, o mistério do Oráculo de Delfos. Para uma leitura espiritualista, essa pluralidade interpretativa nos exorta à humildade. Toda mensagem recebida no mundo humano passa por linguagem, cultura, sensibilidade e interpretação. O símbolo não elimina o discernimento; antes, o exige.



Isso implica analisar a "figura" do oráculo e a vidência, sem confundir crença e fé com comprovação histórica. Em O Livro de Ouro da Mitologia, Thomas Bulfinch dedica um capítulo para descrever a Pítia e registrar, entre outros debates de seu tempo, a hipótese de transe e clarividência. Essa passagem é uma interpretação do autor, não uma prova científica sobre Delfos.



Na tradição espírita, Allan Kardec denomina a percepção extrafísica de "segunda vista" ou "vista da alma", enquanto Mecanismos da Mediunidade descreve formas de percepção espiritual, como a clarividência e a vidência interna. Por analogia, a Pítia pode ser compreendida como uma consciência receptiva ao invisível, embora não seja possível identificar historicamente, com certeza, às categorias mediúnicas formuladas posteriormente.

Essa questão ganha um elemento instigante nas atuais pesquisas geológicas realizadas em Delfos. Estudos identificaram falhas e fraturas que atravessam o subsolo do templo de Apolo e passam pela região onde se supõe ter existido o Adyton, onde a Pítia realizava suas sessões. Essas estruturas poderiam ter favorecido a ascensão de gases naturais, e análises confirmaram a presença de metano e etano, além de outros hidrocarbonetos. A hipótese de que o etileno teria provocado o estado alterado de consciência permanece controversa, pois não se comprovou a existência de concentrações suficientes para produzir tais efeitos.

Ainda assim, uma possível alteração fisiológica provocada pelo ambiente não elimina a dimensão espiritual atribuída à experiência: o mecanismo pelo qual uma consciência entra em determinado estado não necessariamente explica o significado do que vivencia. A experiência espiritual pode encontrar no corpo, na mente e no ambiente os meios pelos quais se manifesta. Desse contexto nasce uma ética da vidência. Ver, pressentir ou intuir não deve ser buscado como espetáculo, superioridade ou controle do destino, mas submetido ao autoconhecimento, à oração, ao estudo, à responsabilidade e ao serviço ao próximo. Para a comunidade umbandista e espiritualista, os valores de luz, amor e caridade atualizam a lição de Delfos: o verdadeiro oráculo não aprisiona o futuro; ilumina a consciência para que cada pessoa escolha melhor o presente.

Referências:

BULFINCH, Thomas. O Livro de Ouro da Mitologia: A Idade da Fábula. Tradução de David Jardim Júnior. 26. ed. Ediouro, s.d. Cap. XXXIV: Oráculos.
KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Parte segunda, cap. VIII, questões 447–455. Disponível em: KardecPedia. Acesso em: 19 ago. 2026.
KARDEC, Allan. O Livro dos Médiuns. Segunda parte, cap. XIV, itens 167–171. Disponível em: KardecPedia. Acesso em: 19 ago. 2026.
PLUTARCO. Moralia, v. V: The Obsolescence of Oracles. Tradução de F. C. Babbitt. Cambridge: Harvard University Press, 1936. Texto digital disponível em: LacusCurtius. Acesso em: 19 ago. 2026.
UNESCO WORLD HERITAGE CENTRE. Archaeological Site of Delphi. World Heritage List, n. 393. Disponível em: UNESCO World Heritage Centre. Acesso em: 19 ago. 2026.
XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. Mecanismos da Mediunidade. Ditado pelo Espírito André Luiz. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, s.d. Cap. 18: Efeitos intelectuais.

Milagres Inexplicáveis

Ao longo dos séculos, a humanidade registrou acontecimentos extraordinários que desafiaram a lógica, emocionaram multidões e atravessaram gerações. Alguns foram investigados pela ciência, outros acolhidos pela fé, mas muitos permanecem sem uma explicação definitiva. A partir desta edição, o Estrela Guia de Aruanda inicia a série Milagres Inexplicáveis, que, mensalmente, apresentará episódios marcantes da história sob a perspectiva da espiritualidade, buscando compreender como as Leis Divinas se manifestam além dos limites do conhecimento humano.

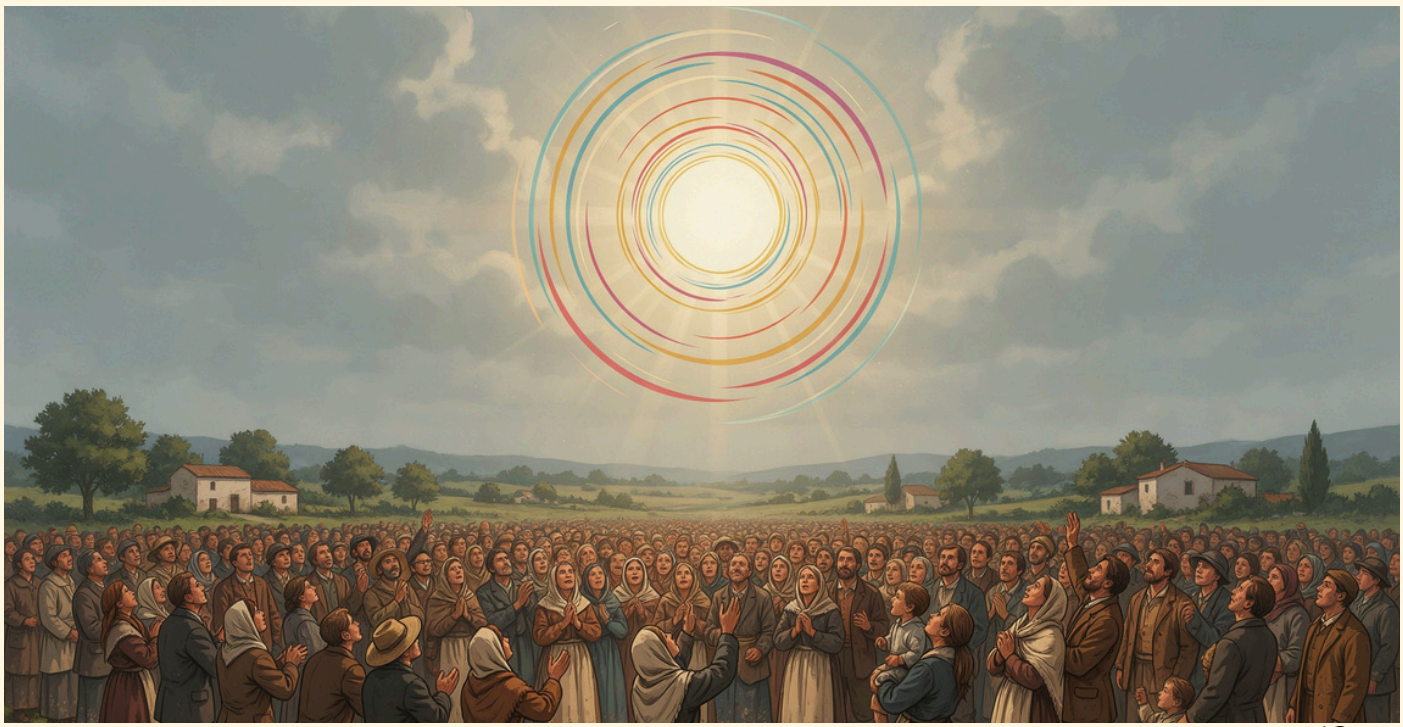
O Sol Dançante: quando o céu fala aos homens

Médium Camila Vidal

Ao longo da caminhada da humanidade, em diferentes épocas, fenômenos extraordinários romperam a rotina do mundo material e despertaram corações adormecidos para uma realidade muito maior: a existência da vida espiritual. São acontecimentos que desafiam a lógica humana, mas que encontram profundo significado quando compreendidos à luz da fé e das Leis Divinas. Entre esses episódios, um dos mais impressionantes é o chamado Milagre do Sol, também conhecido como Sol Dançante, ocorrido em 13 de outubro de 1917, na cidade de Fátima, em Portugal.

Naquele dia, milhares de pessoas enfrentaram chuva intensa para testemunhar o último encontro prometido entre Nossa Senhora e os três pequenos pastores: Lúcia, Francisco e Jacinta. A expectativa era enorme. Céticos, jornalistas, cientistas, religiosos e curiosos misturavam-se à multidão. Muitos compareceram apenas para comprovar que nada aconteceria.

Então, após a chuva cessar, as nuvens se abriram. O Sol surgiu de maneira incomum. Sua luminosidade podia ser contemplada sem causar dor aos olhos. Em seguida, começou a girar rapidamente, como uma imensa roda de luz, irradiando cores que tingiam a paisagem, as árvores e as pessoas. Vermelho, azul, amarelo e violeta sucediam-se como se todo o firmamento estivesse vivo.



Em determinado momento, o astro pareceu desprender-se do céu e avançar em direção à Terra. O temor tomou conta da multidão. Muitos se ajoelharam, rezaram e acreditaram estar diante dos últimos instantes da humanidade. Pouco depois, o Sol retornou à sua posição habitual e tudo voltou ao normal.

Quando o espanto começou a dar lugar à razão, outro detalhe chamou ainda mais atenção: as roupas das milhares de pessoas, completamente encharcadas pela forte chuva que caía minutos antes, estavam secas. O terreno lamacento também havia secado de forma surpreendente.

O fenômeno foi testemunhado por dezenas de milhares de pessoas e registrado por jornalistas, professores, médicos e observadores de diferentes convicções religiosas — inclusive por aqueles que haviam ido ao local apenas para ridicularizar a profecia. Mais de um século depois, nenhuma hipótese científica conseguiu explicar satisfatoriamente todos os aspectos do acontecimento.

Sob a ótica espiritual, entretanto, talvez a pergunta mais importante não seja "como aconteceu?", mas "por que aconteceu?" As manifestações do Alto nunca têm a finalidade de impressionar ou alimentar a curiosidade humana. Elas surgem quando a humanidade necessita de um chamado, de um alerta, de um consolo ou de um convite à transformação moral. Deus não realiza espetáculos; oferece oportunidades para que Seus filhos despertem para a vida do espírito.

A Doutrina Espírita ensina que não existem milagres no sentido de uma violação das leis naturais. Existem, sim, leis ainda desconhecidas pela ciência humana. Em A Gênese, Allan Kardec explica que aquilo que hoje parece sobrenatural poderá ser compreendido no futuro, à medida que o conhecimento avance e a ciência amplie sua compreensão sobre a realidade espiritual.

Na Umbanda, compreendemos que os planos invisíveis interagem continuamente com o mundo material. Os Orixás, Guias e Mensageiros da Luz trabalham sob a permissão divina, utilizando recursos que muitas vezes ultrapassam a compreensão humana, mas jamais contrariando as Leis de Deus. O que chamamos de milagre é, frequentemente, apenas a manifestação de uma ciência espiritual muito superior àquela que a humanidade atualmente conhece.

O Sol Dançante permanece como um convite à humildade. Recorda-nos que nem tudo pode ser medido pelos instrumentos da matéria e que a inteligência humana, por mais desenvolvida que seja, ainda conhece apenas uma pequena parcela da grandiosa obra da Criação.

Referências:

ALMEIDA, Avelino de. Reportagem sobre os acontecimentos de Fátima. O Século, Lisboa, 15 out. 1917.

DE MARCHI, João M. Era uma senhora mais brilhante que o Sol. 1. ed. São Paulo: Editora Imaculada, 2022.

KARDEC, Allan. A Gênese: os milagres e as predições segundo o Espiritismo. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. 2. ed. Brasília, DF: Federação Espírita Brasileira, 2019.

KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos. Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Brasília, DF: Federação Espírita Brasileira, [s.d.].

SANTUÁRIO DE FÁTIMA. Acervo histórico e documentação oficial sobre as aparições de 1917. Fátima: Santuário de Fátima, [s.d.].

Ôh Curimbeiro

Ciranda do Encantamento: a infância que canta em Yori

Médium Maria Carolina Francisco

Antes de qualquer pessoa pisar em um terreiro, ela já aprendeu a cantar brincando. As cantigas de roda — patrimônio cultural reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como parte da tradição oral brasileira — atravessam gerações por meio de estruturas musicais simples, compostas por frases curtas, repetição, rimas fáceis e uma cadência que convida o corpo a se mover.

Pesquisas recentes em etnomusicologia têm reforçado que essas cantigas não são apenas entretenimento infantil, mas verdadeiras tecnologias de transmissão cultural, responsáveis por nos ensinar regras sociais, formas de manifestação de afeto e perspectivas de mundo por meio do brincar cantado. Muitos pontos de Erê dialogam diretamente com essa lógica, por meio da repetição melódica, o tom de brincadeira e a facilidade de memorização, que não são escolhas musicais aleatórias, mas ecos de uma sabedoria musical popular que já sabia como fazer uma mensagem atravessar gerações através do som, muito antes da Umbanda sistematizar seus cânticos através de pontos.



Essa conexão ganha ainda mais força quando observamos o que a psicologia contemporânea tem chamado de "trabalho com a nossa criança interior". Estudos publicados na última década em periódicos de psicologia clínica têm demonstrado que técnicas voltadas ao resgate de memórias afetivas da infância – incluindo estímulos sonoros e musicais associados a esse período da vida – favorecem a regulação emocional e a redução de sintomas ansiosos em adultos.

A Associação Brasileira de Musicoterapia (UBAM) também tem debatido, em seus congressos mais recentes, pesquisas sobre o uso terapêutico de canções infantis e cantigas de roda no tratamento de traumas e no resgate de vínculos afetivos primários, indicando que a melodia simples e repetitiva tem efeito direto sobre estruturas cerebrais ligadas à memória emocional, especialmente o sistema límbico.

Para além dos dogmas, algumas tradições compreendem que a experiência mediúnica também pode ser influenciada por conteúdos anímicos — isto é, por elementos presente na própria alma ou

psique do indivíduo. Memórias, imagens, símbolos, sons e sensações podem, nesse sentido, atuar como elementos capazes de mobilizar conteúdos profundos da experiência individual e favorecer uma percepção particular do metafísico.

Dentro de um terreiro, esse fenômeno ganha um sentido ainda mais amplo. Quando um ponto de Erê é entoado, muitos médiuns e assistentes revelam, de forma espontânea, vontade de sorrir, de se mexer, de cantar junto, mesmo sem conhecer previamente a letra. Esse tipo de resposta imediata e corporal é compatível com o que neurocientistas têm descrito como reconhecimento implícito de padrões sonoros familiares, adquiridos ainda na infância, mesmo quando não há lembrança consciente da fonte original desses padrões.

Dessa forma, a linha de Yori não apenas traz alegria e brincadeira para dentro da gira: o canto pode mobilizar memórias afetivas, emoções e disposições corporais profundamente associadas à infância. No contexto espiritual da Umbanda, essa experiência pode ganhar ainda outra dimensão, sendo compreendida como uma forma de reconexão anímica com aspectos do próprio indivíduo que permanecem adormecidos sob as exigências da vida adulta. O ponto de Erê, nesse sentido, funciona como uma pequena ciranda espiritual, capaz de reconectar quem está presente com uma parte de si mesmo que talvez já tivesse esquecido de como brincar.

Assim, ao ouvir a curimba entoar um ponto de Yori, vale lembrar que ali não está apenas uma entidade infantil se manifestando, mas também um patrimônio sonoro popular sendo honrado e uma ponte sendo construída entre o adulto que somos e a criança que um dia fomos. A ciência contemporânea, ao se debruçar sobre memória, afeto e música, oferece novas perspectivas para compreender, em termos psicológicos e neurobiológicos, algo que os terreiros já vivenciavam: cantar como criança pode ser, muitas vezes, um caminho de retorno ao sagrado.

Referências

UNIÃO BRASILEIRA DAS ASSOCIAÇÕES DE MUSICOTERAPIA. Anais do XVII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia. São Paulo: UBAM/Apemesp, 2021. Disponível em: UBAM. Acesso em: 12 set. 2026.

MATEUS, Jeferson Carvalho. As cantigas de roda como manifestações do patrimônio cultural. In: Patrimônio, direitos culturais e cidadania. Goiânia: CEGRAF/UFG, 2020. Disponível em: CEGRAF. Acesso em: 12 set. 2026.

SILVA, Mey Ling Oliveira da; GONÇALVES, C. B. Cantigas de roda como resgate cultural na educação infantil. Igapó, 2019. Disponível em: Cantigas de Roda . Acesso em: 12 set. 2026.

SOUZA, Ana Síria Carneiro de. Cantigas de roda: em busca de vestígios culturais. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2012. Disponível em: Cantigas de Roda Como Resgate Cultural. Acesso em: 12 set. 2026.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. A presença das raízes culturais na educação musical. Revista da ABEM, 2000. Disponível em: A Presença das Raízes Culturais. Acesso em: 12 set. 2026.



Salve as Folhas

Entre Folhas e Encantos: A Força dos Erês nas Ervas Sagradas da Umbanda

Médium Guilherme Friaça



Quando utilizadas de maneira ritualística, as ervas não são apenas elementos materiais: tornam-se veículos de uma relação sagrada entre o ser humano, a natureza e o mundo espiritual. Dentro desse universo, a força dos Erês estabelece uma relação particularmente significativa com o reino vegetal.

O Erê expressa valores como espontaneidade, alegria, simplicidade, confiança, renovação e capacidade de encantamento. Sua força não deve ser confundida com fragilidade ou ingenuidade. Ao contrário, existe nos Erês uma potência capaz de movimentar energias estagnadas, dissolver determinadas densidades e devolver leveza aos ambientes e às pessoas. Assim como uma planta brota, cresce e se renova, a energia dos Erês também simboliza a possibilidade permanente de recomeço e transformação.

As ervas utilizadas em trabalhos relacionados aos Erês podem ser compreendidas a partir dessa perspectiva de renovação. Folhas aromáticas, flores, frutos e outras partes vegetais podem compor banhos, águas de cheiro, defumações ou preparos específicos, sempre de acordo com os fundamentos de cada terreiro. O perfume, a cor, a textura e o próprio ciclo de vida das plantas estabelecem uma linguagem simbólica que dialoga com a vibração dos Erês. A delicadeza de uma flor, a doçura de um fruto ou o frescor de uma folha podem representar a capacidade de recuperar a alegria, a esperança e a disposição para a vida.

Há também uma dimensão importante de aprendizado nessa relação. Os Erês nos convidam a olhar novamente para aquilo que muitas vezes se tornou excessivamente rígido em nossa experiência cotidiana. O contato ritual com as ervas, por sua vez, recorda que a natureza não trabalha pela força da imposição, mas pelos ciclos, pela adaptação e pela renovação constante.



Uma semente aparentemente pequena contém a possibilidade de uma árvore; uma folha que cai participa de um novo ciclo de fertilidade. Essa dinâmica ajuda a compreender a força dos Erês como uma energia de movimento e regeneração, capaz de lembrar ao indivíduo que nenhuma situação precisa permanecer eternamente presa à mesma forma.

O trabalho com ervas e a força dos Erês podem ser associados à ideia de reencantamento da vida. O sagrado, nessa perspectiva, não está separado das experiências simples: está no aroma de uma folha macerada, na água preparada para um banho, na beleza de uma flor, na alegria compartilhada e na capacidade de reconhecer a presença da natureza em nossa própria existência. Os Erês nos ensinam que a espiritualidade também pode se manifestar através da alegria, do afeto, da brincadeira e da confiança. As ervas, como expressões vivas do reino vegetal, oferecem o campo material por meio do qual essa percepção pode ser ritualizada.

Assim, a aproximação entre as ervas e os Erês revela uma compreensão profundamente umbandista da natureza: a vida vegetal é força, movimento, cura simbólica, renovação e axé. Trabalhar com as ervas dentro dos fundamentos de cada tradição não significa apenas utilizar plantas, mas reconhecer nelas uma dimensão sagrada e estabelecer com elas uma relação de respeito. Quando essa perspectiva se encontra com a vibração dos Erês, emerge uma espiritualidade marcada pela leveza sem superficialidade, pela alegria sem alienação e pela renovação sem esquecimento das experiências vividas. A força dos Erês nos recorda sempre que crescer espiritualmente não significa perder a capacidade de se maravilhar diante da vida — e que, assim como as plantas, também podemos florescer novamente.

Referências:
CUMINO, Alexandre. História da Umbanda: uma religião brasileira. São Paulo: Madras, 2015.
QUEIROZ, Rodrigo. Entidades da Umbanda: segredos revelados das forças ancestrais. Curitiba: Citadel Grupo Editorial, 2025.
QUEIROZ, Rodrigo. Umbanda para iniciantes: um tour pelo terreiro. Curitiba: Citadel Grupo Editorial, 2023.

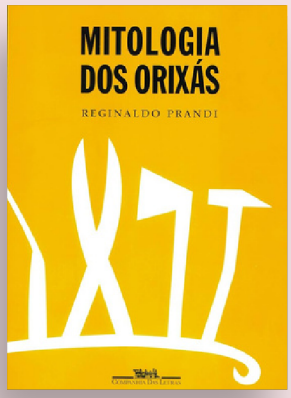
Umbanda Tem Fundamento

Umbanda tem fundamento. É preciso conhecer

Indicações de livros, filmes, canais, podcasts e outros conteúdos relacionados à Espiritualidade. O objetivo é compartilhar boas dicas de conhecimento sobre o universo da magia e do sagrado, sempre com responsabilidade e fundamento.

Confira, a seguir, algumas sugestões:

Livros



Mitologia dos Orixás - Reginaldo Prandi

O livro reúne 301 mitos das divindades iorubás preservados pela tradição oral no candomblé. As histórias revelam a criação do mundo, as paixões humanas e as disputas dos orixás. A obra de Reginaldo Prandi resgata a memória cultural e espiritual africana no Brasil. É um documento fundamental para entender a cosmologia e a identidade afro-brasileira.

Tratado da Magia - Giordano Bruno



O livro apresenta a magia não como ilusão, mas como uma ciência legítima e filosófica. O autor explica que o conhecimento mágico conecta a mente humana diretamente ao cosmos vivo. A obra investiga forças naturais, vínculos universais e a alma que habita todo o universo. Essas reflexões profundas sobre o oculto e a natureza desafiaram a Igreja e marcaram sua tragédia. Essa visão panteísta e hermética de interconexão da natureza desafiou os dogmas religiosos e contribuiu para sua condenação pela Inquisição.

Plataformas Digitais

Neurocientista : Evidências de que podemos nos comunicar após a morte!



E se o seu cérebro filtrasse a verdadeira realidade? No canal do youtube The Diary Of A CEO, a neurocientista Dra. Tara Swart revela por que temos 34 sentidos, e não apenas 5, como o luto abriu sua consciência e a ciência por trás de sinais, intuição e comunicação real com os mortos. Ela também é psiquiatra e professora sênior no MIT, com PhD em neurofarmacologia. É autora best-seller de livros como *The Source* e seu novo lançamento, *The Signs: The New Science of How to Trust Your Instincts.*

Estrela Guia de Aruanda

As imagens que ilustram esta edição foram retiradas de bancos de domínio público, ou seja, sem direitos autorais. As demais artes foram geradas e manipuladas em ferramentas de Inteligência Artificial.



AÇÃO CRISTÃ VOVÔ ELVÍRIO

Viver para aprender, Aprender para viver.

ANO IX · SETEMBRO 2026 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA